

Em cena com uma dominatrix: BDSM, ética, estética e interseções com o trabalho sexual

In scene with a dominatrix: BDSM, ethics,
aesthetics, and intersections with sex work

En escena con una dominatrix: BDSM, ética,
estética e intersecciones con el trabajo sexual

Jorge Leite Júnior
Paula Nogueira Batista

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20377>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025021

resumo

O artigo busca refletir sobre a cultura sexual conhecida atualmente como BDSM, apresentando suas características principais, seus códigos de ética e a importância da estética nos jogos eróticos e em sua imagem pública. O texto também aborda o BDSM em sua interseção com o trabalho sexual, prática que assume contornos próprios, como demonstrado no relato etnográfico apresentado por uma dominatrix profissional. Para esta reflexão, utilizou-se da bibliografia em diálogo com os achados do campo. Ao final do texto, é apresentado um ensaio com fotografias de campo, que complementa visualmente a análise proposta. O artigo conclui ressaltando a importância de novas éticas e estéticas para o desenvolvimento de novas políticas sexuais.

Palavras-chave: BDSM; Ética; Estética; Dominatrix; Fotografias de campo.

abstract

This paper aims to shed light on the sexual culture currently known as BDSM, presenting its main characteristics, ethical codes, and the importance of aesthetics in erotic play and its public image. It also explores BDSM in its intersection with sex work, a practice that takes on distinct contours, as demonstrated in the ethnographic account of a professional dominatrix. For this reflection, bibliographic references are used in dialogue with field findings. At the end of the text, a photographic essay with field images is presented, visually complementing the proposed analysis. The paper concludes by emphasizing the importance of new ethics and aesthetics for the development of new sexual politics.

Keywords: BDSM; Ethics; Aesthetics; Dominatrix; Fieldwork photography.

resumen

Este artículo busca reflexionar sobre la cultura sexual conocida actualmente como BDSM, presentando sus principales características, sus códigos éticos y la importancia de la estética en los juegos eróticos y en su imagen pública. El texto también aborda el BDSM en su intersección con el trabajo sexual, una práctica que adquiere sus propias características, como se demuestra en el informe etnográfico presentado por una dominatrix profesional. Para esta reflexión, se utilizó la bibliografía en diálogo con los hallazgos del campo. Al final del texto, se presenta un ensayo con fotografías de campo, que complementa visualmente el análisis propuesto. El artículo concluye enfatizando la importancia de una nueva ética y estética para el desarrollo de nuevas políticas sexuales.

Palabras clave: BDSM; Ética; Estética; Dominatrix; Fotografías de campo.

Em cena com uma dominatrix: BDSM, ética, estética e interseções com o trabalho sexual

Jorge Leite Júnior

 <https://orcid.org/0000-0001-6234-9169>

> jorgeleite@ufscar.br

Doutor em Ciências Sociais

Universidade Federal de São Carlos

Paula Nogueira Batista

 <https://orcid.org/0009-0009-4302-7004>

> pbatista@umich.edu

Doutoranda em Antropologia Social

University of Michigan

Introdução

O termo BDSM é um acrônimo para uma série de práticas e tipos de relações eróticas que compõem uma vertente própria no universo maior das culturas sexuais. Dentro de tal sigla, três tipos de vínculos hierárquicos principais são nomeados: Bondage/ Disciplina; Dominação/ submissão; Sadismo/ Masoquismo. O artigo busca refletir sobre a cultura sexual conhecida atualmente como BDSM, apresentando suas características principais, seus códigos de ética e a importância da estética nos jogos eróticos e em sua imagem pública. O texto está dividido em partes: a introdução; uma breve apresentação histórica que visa não mostrar continuidades no tempo e espaço, mas justamente sua diferenciações e a especificidade desta prática contemporânea; a apresentação dos elementos éticos e estéticos; a profissionalização do BDSM na indústria sexual a partir da figura da dominatrix profissional; uma descrição de campo de uma antropóloga dominatrix em uma masmorra BDSM comercial em uma metrópole estadunidense, junto a um ensaio fotográfico e as considerações finais.

Dentro das práticas do BDSM, Bondage / Disciplina envolve jogos eróticos em que uma pessoa é imobilizada com cordas, algemas, fitas adesivas ou qualquer outro material que restrinja os movimentos e passa por treinamentos para disciplinar seu corpo e mente aos “prazeres do desconforto” (Brame, Brame e Jacobs, 1993). Dominação/ submissão indica uma relação onde alguém exerce o domínio sexual, comumente mais psíquico que físico sobre outra(s) pessoa(s) que se submete a tal interação. No Sadismo/ Masoquismo, o foco da interação é na experiência física, onde a pessoa sádica conduz situações que levam à dor tanto no corpo quanto na psique de quem recebe tais ações, o/a masoquista.

Claro que esta separação é principalmente conceitual e que tais práticas podem se misturar. Desta forma, para se compreender quem é a pessoa que “comanda” e quem é “comandada”, existem os termos gerais *Top* e *Bottom* para cada caso, respectivamente. A pessoa que pode assumir ambas as posições, a depender de cada relacionamento, é chamada de *Switcher*.

Muitos mal entendidos decorrem da abreviatura BDSM, que engloba ações e paixões específicas, gerando confusões e necessitando de esclarecimentos. BDSM não é violência, agressão sexual, estupro, abuso psicológico, grosseria ou falta de educação. Mesmo envolvendo algum tipo e/ou grau de dor, BDSM é prazer erótico e afeto para todas as pessoas envolvidas dentro deste jogo sexual (Silva, 2018). Estas são as primeiras coisas que se deve ter em mente ao se discutir sobre tal tema.

A partir das três formas maiores (Bondage / Disciplina; Dominação/ submissão; Sadismo/ Masoquismo), muitas práticas sexuais podem ser encontradas, embora elas mesmas não se restrinjam ao BDSM, tais como beliscões no corpo e/ou apenas nos genitais e mamilos, humilhação psicológica, *spanking*¹, adoração de partes do corpo², aplicação de enemas, perfuração com agulhas, ser tratado como um animal³, controle de orgasmo, sufocamento, penetração dentro da uretra, pingar cera de vela na pele, cócegas e, literalmente, dezenas de outras que envolvem tanto o corpo quanto a mente, nas quais não necessariamente precisa haver contato físico para que a o jogo sexual se desenvolva.

O momento da prática BDSM se chama “cena”, reforçando o caráter de um jogo sexual que erotiza condições desiguais de poder e hierarquia, e não uma situação real de violação (Facchini e Machado, 2013). Da mesma forma, o local para cena é comumente conhecido como Masmorra (*Dungeon*), e deve contar com acessórios e decoração própria para criar um ambiente específico, pois o momento da interação requer não apenas um cenário, mas protocolos tanto para o desenvolvimento quanto para o fortalecimento afetivo/sexual (Leite Jr. 2000 [1]; Silva, 2018).

Sexo, dor e prazer: outros tempos, outras lógicas

Embora práticas sexuais envolvendo prazer, dor e/ou humilhação sejam comuns a diversas culturas e épocas, o BDSM possui características próprias que o localiza nas culturas ocidentais modernas, em especial a partir da segunda metade do século XX. Vejamos. O Kama Sutra, escrito pelo monge Vatsyayana, afirma que “A amada, claro, há de sentir dor quando você a golpear, mas os gritos que à garganta lhe subirem, se cada tipo você puder reconhecer, vão dizer o quanto ela se encontra excitada” (Vatsyayana, 1990; p. 80). Mas este é um texto religioso, voltado para o desenvolvimento espiritual dentro do contexto cultural do Império Gupta, na Índia clássica do século IV.

1 Parte dos chamados “jogos de impacto”, o *spanking* envolve golpes aplicados em partes específicas do corpo (como nádegas e coxas), com instrumentos próprios (chicotes, palmatórias, varas, mãos).

2 Como nádegas, vulva, pênis ou pés.

3 Como os animais de estimação ou de carga/ montaria. Chamada em inglês de *Pet Play*.

Como o livro mostra, o prazer era um meio para uma vida ética, não um fim em si mesmo, e a sexualidade não era pensada como um domínio autônomo da vida ou do corpo. O Kama Sutra pode ser usado como um exemplo daquilo que Michel Foucault (1988) chamou de *Ars erotica* desenvolvida no Oriente/ Ásia: um discurso sobre o sexo transmitido de mestre para discípulos, dentro de uma relação iniciática a partir de um saber esotérico que se realiza como uma forma de arte, pois tem como foco a sensibilidade da experiência e o cuidado de um exercício religioso.

Durante o século XVIII na França, o filósofo libertino Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade (1740 - 1814), teve seus livros proibidos à época e, no século seguinte, seu nome foi associado à todo tipo de desregramento sexual, imoralidade e perigo intelectual e social. Em seus romances filosóficos e textos políticos, escreveu sobre infligir sofrimento físico e psíquico como forma de obter gratificação erótica. Sade era um nobre, vivia sob a lógica do Antigo Regime europeu que estranhava a noção burguesa de “igualdade”. Para ele, existia uma hierarquia “natural” entre os sujeitos e o desejo era sempre pessoal e singular, não podendo ser reduzido ou limitado a padrões psíquicos nem massificado pelo mercado. Em seu momento histórico, a literatura erótica (que era indissociável da crítica política e social) era abundante, mas o Marquês trouxe uma novidade até então desconhecida em tais escritos: a inserção da crueldade no erotismo (Moraes, 1994).

Suas personagens têm no sofrimento alheio o mais forte estímulo ao gozo. A tortura indiscriminada do corpo e da mente, a aflição dos inocentes e o padecimento dos virtuosos geram e ampliam a satisfação lúbrica dos libertinos e libertinas. Para isso, é fundamental a angústia, martírio e desespero daqueles que servirão como objeto de prazer. Assim, não existe a consensualidade, pois seus debochados necessitam de vítimas e não de parceiros. Se a dor é consentida e aceita por parte de quem vai sofrê-la, o desejo murcha e a satisfação se perde. Nas palavras do devasso padre dom Severino à infeliz Thérèse (Justine), “Aqui encontrareis apenas egoísmo, crueldade, devassidão e a impiedade mais arraigada” (Sade, 1989; p. 106).

O termo “sadismo”, criado no século XIX e rapidamente adotado pelas então recentes ciências da psique, tem aí sua origem. Sade foi um filósofo que apontou as fissuras do humanismo e levou o individualismo a seu extremo, questionando padrões de corpos, desejos, práticas e condutas (Moraes, 2006). Só isso já serve para mostrar o abismo que existe entre as obras do autor e o BDSM contemporâneo (Leite Jr. [2], 2000).

Na segunda metade dos oitocentos, o escritor austríaco Leopold Von Sacher-Masoch (1836 – 1895) narrou situações em que homens cultos e bem posicionados na sociedade europeia se submetiam, quase sempre de maneira voluntária, aos caprichos (não apenas sexuais) de mulheres poderosas e altivas, que não se deixavam restringir pelas convenções de gênero do período (Sacher-Masoch, 1983). Em seu livro mais famoso, *A vênus das peles* (1870), a desenvolta Wanda é cuidadosamente treinada por Severin até ela se tornar a mulher cruel e impiedosa por quem ele desejava ser escravizado. Seu prazer principal estava em servir e ser humilhado, muito mais do que sofrer dores físicas. Conforme Severin, “Quanto mais me maltratas como acabas de fazer, mais inflamas meu coração e embriaga meus sentidos” (Sacher-Masoch, 1983, p. 299).

Suas protagonistas foram por ele chamadas de supra-sensuais, pois eram possuidoras de uma sofisticação afetiva e sensorial que estava muito distante da lógica moralista burguesa e engessada das “perversões sexuais”. Sacher-Masoch era um aristocrata e, mesmo estando mais próximo da sensibilidade contemporânea, não compartilhava dos ideais neoliberais éticos, estéticos e eróticos em relação ao amor e sexualidade de hoje (Michel, 1992). Suas obras foram a inspiração para o termo “masoquismo”, criado pela psiquiatria de então para classificar a então nomeada “perversão sexual” compreendida como o prazer em sofrer maus-tratos físicos ou psíquicos durante o ato sexual⁴ (Krafft-Ebin, 1998; Lanteri-Laura, 1994).

É também neste período que, ainda conforme Foucault (1988), surgiu a chamada *Scientia sexualis*, o discurso sobre sexo que se desenvolveu no Ocidente moderno, tendo como base a razão científica e a padronização idealizada de corpos, desejos e identidades. As práticas até então conhecidas genericamente como libertinismo ou sodomia foram fragmentas nas recém inventadas “perversões sexuais”, associadas a subjetividades específicas e patologizadas. Conforme o principal divulgador dos termos “sadismo” e “masoquismo”, o psiquiatra também austríaco Richard Von Krafft-Ebing, em seu livro *Psychopathia Sexualis*⁵ (a grande referência nos estudos sobre as tais perversões até a primeira metade do século XX), não havia diferença entre práticas consentidas ou violações, entre a intenção de proporcionar prazer e o descaso em relação ao sofrimento, pois tudo era inserido dentro da mesma lógica conceitual da sexualidade “anormal”.

Com respeito à oportunidade para a satisfação natural do instinto sexual, toda a expressão disso que não corresponda ao propósito da natureza – propagação – deve ser considerada perversa. (...) Desta forma, masoquismo e sadismo surgem como as formas fundamentais da perversão psico-sexual, podendo aparecer em qualquer ponto no domínio da aberração sexual⁶ (Krafft-Ebing, 1998; págs. 52 e 53).

4 Conforme Hauser (1997), foi um correspondente do psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing que sugeriu o termo “masoquismo”, que apareceu em 1890 na nova edição de seu livro *Psychopathia Sexualis*. Atualmente, o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR)* da Associação Psiquiátrica Americana utiliza a terminologia “transtorno de masoquismo sexual” (F 65.51) e “transtorno de sadismo sexual” (F 65.52). O “transtorno de masoquismo sexual” é definido como sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida de um indivíduo em decorrência de um período de pelo menos seis meses durante o qual foi apresentada “excitação sexual recorrente e intensa resultante do ato de ser humilhado, espancado, amarrado ou de ser vítima de qualquer outro tipo de sofrimento” (APA, 2023, p. 739). No entanto, o manual não considera que esse sofrimento pode decorrer do estigma social que recai sobre tal excitação, ainda que exercida de forma segura. Já os critérios diagnósticos para o “transtorno de sadismo sexual” envolvem excitação sexual recorrente relacionada ao sofrimento físico ou psicológico de outra pessoa, sendo necessário, para o diagnóstico, que esses impulsos sejam praticados com alguém sem consentimento ou que causem sofrimento e prejuízo significativo ao próprio indivíduo praticante. Assim, a ausência de consentimento - ou seja, violência - é equiparada, nos critérios diagnósticos, à possibilidade de sofrimento psíquico decorrente de fatores como culpa ou vergonha, que podem existir mesmo em práticas consensuais (Marques da Silva, 2017).

5 A primeira edição é de 1886, seguida de seis novas edições revistas e ampliadas pelo autor.

6 Tradução de Jorge Leite Jr.

No início do século XX, a psicanálise revolucionou muitas das ideias psiquiátricas e autonomizou a mente em relação ao corpo, lidando agora não mais com ideias de degenerações físicas causadoras de enfermidades anímicas, mas com a noção de pulsões psíquicas universais influenciadas pela história pessoal e vida interior de cada pessoa. Ao teorizar as pulsões de vida (*Eros*, a força que agrega, busca conexões, cria vínculos e produz movimento e mudança) e morte (*Thanatos*, a força que dispersa, rompe, aniquila, busca o estável e inerte), Sigmund Freud vai adotar os termos de Krafft-Ebing e associá-los a tais forças da psique. Desta forma, “sadismo” e “masoquismo” passam a ser as faces ativa e passiva da pulsão de morte, quando unida à libido sexual. “Sadismo e masoquismo ocupam uma posição especial entre as perversões, já que a oposição entre atividade e passividade, na qual se baseiam, é uma das características gerais da vida sexual” (Freud [1905], 2016; p. 53).

Aqui, o importante para este artigo são dois pontos: primeiro, que a obra de Freud fala sobre pulsões, força psíquicas que são sádicas ou masoquistas, muito mais do que sujeitos (que, por derivação, também são assim nomeados) ou práticas sexuais (Colognese, 2003). Segundo que, a partir de então, entra em cena nas ciências da psique o “sodomasmoquismo”, uma figura conceitual referente ao caráter duplo das pulsões humanas, gerando o sujeito “sodomasmoquista”, muito mais localizado na vida cotidiana (com suas rotineiras psicopatologias) do que nas masmorras eróticas e clubes de sexo.

Freud foi um inovador que, como todos os principais intelectuais europeus vivendo sob o imperialismo da segunda metade do século XIX e início do XX, propôs universalizar uma lógica burguesa heterossexual, cisgênera, branca e capitalista ao mesmo tempo em que inaugurava uma das mais complexas e importantes teorias do sujeito moderno e preparava as ferramentas conceituais para justamente questionar suas próprias bases teóricas de classe, raça, gênero e sexualidade (Preciado, 2021). Ainda assim, dos anos 1930 aos anos 1990 do século XX, os termos “sadismo”, “masoquismo” e “sodomasmoquismo” foram usados nos campos das ciências da psique para designar relações de violência, abuso e autodestruição que não tinham relação nenhuma com as práticas e membros das comunidades do que depois será chamado de BDSM (Lanteri-Laura, 1994).

Atualmente, as práticas e os praticantes de BDSM continuam sendo indiretamente patologizados. Práticas como fetichismo, sadismo e masoquismo, mesmo quando realizadas consensualmente, ainda estão classificadas como “parafilias” na quinta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), publicado em 2013 e revisado em 2022 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA).⁷ O DSM-5-TR também menciona o BDSM

7 O DSM-5-TR define parafilia como “qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física” (APA, 2023, p. 685). No entanto, os critérios pelos quais certos interesses são rotulados como parafilias, enquanto outros não o são, permanecem sem explicação (Moser 2016). Embora o DSM-5-TR distinga entre “parafilias” e “transtornos parafilicos”, o transtorno e a necessidade de intervenção clínica apenas ocorrendo quando há alguma forma de sofrimento ou comprometimento do indivíduo, as parafilias têm sido historicamente associadas à psicopatologia nos contextos médico e jurídico. Apesar da tentativa do DSM-5-TR de tornar essa distinção clara, a diferença sutil pode passar despercebida para aqueles que não estão familiarizados com

na descrição das características diagnósticas do que nomeia como “transtornos de masoquismo” e “transtornos de sadismo sexual” (APA, 2023, p. 739). No entanto, o manual não ressalta o consentimento como critério fundamental que diferencia práticas BDSM de atos de violência. Também não considera que um eventual sofrimento associado a tais interesses sexuais, o qual caracteriza os chamados “transtornos parafilicos”, pode advir do estigma social que recai sobre essas práticas, mesmo quando realizadas de forma segura, o que pode gerar culpa, ansiedade ou vergonha nos praticantes (Marques da Silva, 2017; Moser, 2019; Moser e Kleinplatz, 2020).

Apesar de haver registros desde o começo do século XX de pessoas com práticas e locais para o sexo envolvendo prazer e dor - os então chamados sadomasoquistas - na Europa e EUA (Steele, 1997; Thompson, 2004), é apenas a partir dos anos 50 que começam a se organizar grupos e formar comunidades de convívio, apoio e trocas de experiências com foco nos jogos eróticos de dominação e submissão e suas variantes, especialmente entre homens gays (Brame, Brame e Jacobs, 1993). As pessoas de sexualidades dissidentes como homossexuais, travestis, “perversos” e “perversos” em geral que frequentavam cabarés e clubes próprios nas primeiras décadas do século XX, não possuíam o sentimento de pertença à uma “comunidade sadomasoquista” a orientar condutas e regular práticas.

Foi decorrente dos movimentos libertários da contracultura, da inacabada revolução sexual, da chegada da AIDS e depois do advento da internet, que se estabeleceu e se mundializou a noção de que certos prazeres, desejos e práticas podem levar à formação de comunidades próprias menos baseadas em identidades sexuais (como gays ou lésbicas), e mais em papéis ou posições eróticas, com estilos de vida mais ou menos reconhecíveis, nos quais técnicas e saberes são idealmente convencionados e compartilhados (Gregori, 2016), chamado comumente e de maneira êmica até então de S/M⁸, acrônimo para “Sadismo e Masoquismo” ou apenas “sadosmoquismo”. Tais grupos, ao se organizarem localmente, ao mesmo tempo em que mantiveram características próprias, desenvolveram também um senso de comunidade que ultrapassou limites regionais/ nacionais pois, principalmente via comunicação digital, ainda hoje trocam conhecimentos, apoiam e participam de lutas políticas, discutem e disputam verdades e autoridades (Weiss, 2011). Neste processo, durante a década de noventa do século passado, exatamente para se afirmarem como uma cultura sexual própria e, principalmente, para se distinguirem dos sadomasoquistas criminosos e mentalmente perturbados das ciências da psique e jurídicas (Zilli, 2018), tais grupos foram deixando de usar os termos “sadosmoquismo/ sadosmoquista” ou “S/M” e começaram a usar “BDSM”.

Gayle Rubin (2016), em entrevista à Judith Butler, afirma que o *fist fuck*⁹ talvez seja a única prática sexual realmente criada no século XX. Na Capela Sistina, dentro do Vaticano, existe

a terminologia médica, perpetuando o estigma contra práticas BDSM. Para mais sobre essa discussão, ver Marques da Silva (2017), Moser (2019) e Moser e Kleinplatz (2020).

8 Ou S&M.

9 Prática sexual de inserir a mão inteira, até o pulso ou mais, na vagina ou ânus do parceiro. Também conhecido como *fisting*.

uma imagem conhecida como “punição aos sodomitas”, pintada por Michelangelo entre 1508 e 1512 e que mostra, no inferno, um demônio com o punho dentro do ânus de um homem (Néret, 1994)¹⁰. Da mesma maneira, Sade, em sua obra *Os 120 dias de Sodoma*, descreve tal ato praticado por um libertino na vagina de uma jovem. Mas entre tais representações e o comentário de Rubin existe uma enorme diferença. Em todas as referências históricas (até os anos 60 do século passado) mostrando o ato de penetrar a mão no corpo de uma pessoa, como nos exemplos citados, o objetivo era causar sofrimento a quem recebia e a dor causada não visava o prazer através de tal sensação física.

É neste sentido que o *fist fuck* é novo na cultura ocidental: ele visa provocar a gratificação sexual não apenas de quem penetra, mas também de quem é penetrado. O prazer no ato de receber o punho dentro do ânus ou vagina é o objetivo final de tal prática, o que a torna completamente diferente do que se conhecia até então. Da mesma maneira, o BDSM contemporâneo possui características próprias que o distingue das práticas e interpretações clínicas envolvendo dominação e submissão, prazer e dor anteriores à chamada pós-modernidade.

Ética e estética do BDSM

A principal característica que distingue o BDSM de interpretações e saberes clínicos prévios que versavam sobre a relação entre dor e prazer é seguir um código de ética próprio. Para o BDSM, é fundamental e condição incontornável o chamado *SSC* (*Safe, Sane and Consensual*). Em português, Seguro, São (ou sadio) e Consensual. Seguro significa que todos os cuidados com os instrumentos, ambiente e técnicas foram tomados, visando, como nos esportes radicais, o máximo de aproveitamento e adrenalina com o mínimo de risco. Tais responsabilidades tem como objetivo “machucar sem ferir” e devem estar presentes antes, durante e depois das sessões dos jogos eróticos.

São/ sadio indica que as pessoas praticantes devem estar com um mínimo de saúde física e mental para as práticas. Por exemplo, se alguém for ficar em Bondage com cordas, deve ter o corpo anteriormente preparado para suportar permanecer amarrado/a sem sofrer câimbras ou provocar coágulos. Da mesma forma, uma cena BDSM não é indicada para quem está, por exemplo, em um surto psicótico ou sob o efeito de álcool ou entorpecentes.

Já a consensualidade é o ponto principal para se distinguir os adeptos dos psicopatas das ciências da psique. Tudo o que ocorrer durante a cena tem que ser consensual e combinado anteriormente. Isso não significa que existe um roteiro a ser rigidamente seguido sem surpresas ou novidades, mas sim que os limites acordados devem ser respeitados. Neste ponto a figura do “contrato”, já tão importante desde os escritos de Sacher-Masoch, se torna fundamental. O contrato é o acordo entre os participantes de que existem balizas a serem respeitadas e o atravessamento de fronteiras pode causar estragos que não fazem mais parte do BDSM. Como Paul Preciado (2014) demonstrou, a ordem social heterocentrada e cisgênera

10 O detalhe da imagem pode ser conferido em: <https://picryl.com/media/witkowski-punishment-of-sodomy-d17e05>

também é um contrato que “assinamos”, muitas vezes, sem ler. O contrato do BDSM tem o mérito de ser explícito e assinado conscientemente.

As práticas S&M, assim como a criação de pactos contratuais que regulam os papéis de submissão e dominação, tornaram evidentes as estruturas eróticas de poder subjacentes ao contrato que a heterossexualidade impôs como natural. Por exemplo, se o papel da mulher no lar, casada e submissa, reinterpreta-se constantemente no contrato S&M, é porque o papel tradicional “mulher casada” supõe um grau extremo de submissão, uma escravidão em tempo integral e para a vida toda. (Preciado, 2014, págs. 32 e 33).

É importante sempre contextualizar o consentimento, pois esta noção, ao presumir a livre capacidade individual de aceitar algo ou não, evoca o sujeito liberal ocidental abstrato que pressupõe maliciosamente que qualquer um pode “escolher” consentir (ou não) com algo, sem levar em conta as coações sociais e desigualdades envolvidas nas situações concretas, como questões de classe, gênero, raça, geração etc (Brown, 2019). Afinal, os limites entre consentimento e vulnerabilidade são socialmente construídos e alterados conforme as sensibilidades de cada período histórico (Gregori, 2016; Lowenkron, 2016). Ainda assim, a noção de Consensual é essencial para a separação da violência e do abuso.

Como as noções de segurança, sanidade e consensualidade são antes de tudo orientações a serem seguidas, atualmente existem outras duas derivações do SSC que tentam ser mais “realistas”, mas sem perder o direcionamento inaugural. Assim, existe entre certos grupos e adeptos o RACK (*Risk-Aware Consensual Kink*), que visa focar no fato das pessoas participantes estarem cientes dos riscos envolvidos nos jogos sexuais “*kink*”¹¹ e o PRICK (*Personal Responsibility Informed Consensual Kink*), indicando que os participantes compreendem e consentem nos riscos e assumem as responsabilidades decorrentes das práticas e situações a serem vividas.

Para que tanto a/o *Top* quanto a/o *Botton* fiquem conscientes dos limites e possam respeitá-los durante a prática, existe a chamada “Palavra de Segurança”, um termo ou expressão que é usado durante a cena para sinalizar que algum limite foi ultrapassado ou está em via de ser, e que a cena deve parar imediatamente ou ter sua intensidade reduzida. A palavra de segurança é a pedra-de-toque do BDSM e o principal mecanismo de segurança, controle e diferenciação do mesmo em relação à outras relações que possam ser consideradas abusivas ou violentas.

Outro elemento basilar do BDSM é a questão estética. Pierre-Joseph Proudhon (2009), o filósofo fundador do anarquismo como teoria e prática política, em seu livro *Do princípio da arte e de sua destinação social*, de 1865, já refletia sobre o fato de que toda estética, através de seu formalismo, reflete os valores e ideologias de determinado grupo social. Neste sentido, toda estética é, no limite, política.

¹¹ *Kink* é um termo usado para designar uma sexualidade não convencional mas que não se limita ao BDSM, podendo envolver outras tendências como o fetichismo, a podolatria (adoração de pés) etc. O oposto do *kink* é chamado de “baunilha”.

Contemporaneamente, o também filósofo francês Jacques Rancière (2009) retoma a relação entre estética e política não nos termos de uma representação dos valores políticos através da forma da obra artística, mas sim como uma “partilha do sensível”. A política é então a luta pela reconfiguração constante deste sensível que é o que permite tanto a emergência e a percepção de uma obra de arte, quanto a ação e o pensamento político, ou seja, um conjunto de elementos históricos e conceituais que determinam quais ideias, obras ou sujeitos podem ou não ser considerados como políticos no sentido de terem sua voz compreendida, muito mais do que apenas ouvida. Estética é então uma experiência coletiva e partilhada de possibilidades e realizações artísticas e políticas na qual a própria percepção e capacidade de interação entre elas está em jogo (Rancière, 2009).

Para este artigo, utilizamos o termo “estética” no sentido de Rancière, como uma partilha do sensível (nunca apenas individual, mas sempre comunitária) que envolve tanto a experiência da sensibilidade corpórea quanto intelectual, indissociável de uma postura ética dentro do BDSM. Além disso, retomando Proudhon, se toda estética é política e toda política precisa de uma estética, uma nova política sexual necessita de uma nova estética, seja ela como representação ou sensibilidade partilhada.

Desta forma, cores, pinturas, adereços devem compor ambientes próprios dentro da masmorra que evoquem tanto algum tema específico (castelo medieval, convento, sala de exames médicos) quanto criar climas misteriosamente sensuais. Mas a estética não se resume ao campo visual. Todos os sentidos devem ser agraciados. É por isso que perfumes, incensos e odores corporais; músicas, ritmos e gemidos; sabores e apetites; tecidos, contatos, toques, carícias e ataques à pele ajudam tanto a intensificar as sensações quanto a formar uma atmosfera saturada de estímulos sensoriais que, em conjunto, favorecem o estado psíquico necessário para uma boa cena. Espaço e corpo tem que estar em harmonia entre si, assim como um cenário necessita de um figurino que lhe dê composição e sentido.

É desta forma que o chamado “fetichismo” entra em diálogo e, para alguns grupos de adeptos, compõe uma parte fundamental do BDSM, ajudando a criar uma identidade estética e um “modo de vida” característico. A moda como vestuário é extremamente importante para este universo, tanto como uma identidade própria, quanto no momento da cena, e até mesmo na venda de uma imagem para a cultura midiática/ massiva: “Por mais fantásticas que as roupas do Torture Garden¹² parecessem, sob um olhar mais atento percebe-se que elas mantêm uma semelhança reconhecível com a moda contemporânea” (Steele, 1997; p. 12). Calças de couro, coturnos, luvas de látex, máscaras de gás e tantas outras peças de roupa tornaram-se quase que “uniformes” obrigatórios das cenas. Casas especializadas e festas típicas muitas vezes exigem o chamado “*dress code*”¹³, tão importantes são os trajes.

12 Famoso clube BDSM surgido em Londres. Atualmente, edições de festas do Torture Garden também são realizadas em outros lugares, como Roma, Los Angeles, Berlin e Nova York

13 O código de vestimenta, ou seja, as roupas próprias para a temática da casa ou da festa. Se é um evento para adeptos de couro, só usando trajes deste material para poder entrar; se o tema for BDSM em geral, qualquer roupa ligada ao estilo vale. O objetivo é sempre a exclusão de vestuários que não passem um “clima” ou uma “atitude” esperada.

Mas existe um outro fator que torna a vestimenta fundamental, ao mesmo tempo em que a define como mais um dado de diferenciação com a sexualidade “normal”: toda a roupa é erotizada. O objetivo é causar desejo, medo, transmitindo poder e sensualidade: “A própria roupa está geralmente associada ao poder, e a nudez com a falta dele” (Steele, 1997; p. 172). Enquanto os “baunilhas” se despem para o sexo, os adeptos do BDSM vestem-se para fazê-lo.

Os adeptos vêm a sua prática como uma arte, e como tal acreditam que ela deva ser apreciada. A dor no BDSM seria, além de prazerosa, “bela”. Desta forma, o Bondage e o Shibari¹⁴ são considerados, além de práticas eróticas, estilos artísticos que se utilizam dos corpos e cores para modelar desenhos e formas capazes de evocar admiração e sentimentos estéticos.

Pro-dommes e o BDSM profissional

No contexto das práticas BDSM, uma dinâmica particular é a da dominação feminina, ou “FemDom”. Nela, a “dominatrix”, encarnada historicamente em uma figura sádica hiperfeminina que conduz os homens aos seus pés, usando-os para seu bel-prazer, coloca em xeque a visão clássica de que o sadismo seria o exagero de uma suposta agressividade natural masculina (Leite Jr, 2000), assim como a própria dominação. É claro que o FemDom acontece não apenas em dinâmicas heterossexuais; contudo, a figura da dominatrix valeu-se ao longo da história ocidental de signos que implicavam a inversão da relação de poder supostamente natural entre homens e mulheres, valorizando a inversão semântica que tende a associar feminino a submissão.

A partir da profissionalização do FemDom, surge também a dominatrix profissional (*pro-domme*, ou *mistress*, nos países de língua inglesa)¹⁵. Um ramo do trabalho sexual, o BDSM profissional pode ser comercializado tanto em espaços temáticos, muitas vezes chamados de *dungeons* ou masmorras, quanto por profissionais independentes. As *pro-dommes* podem ou não serem praticantes do BDSM em suas vidas privadas, não havendo necessariamente uma continuidade entre trabalho sexual e vida pessoal.

Embora as cenas de FemDom possam desafiar os papéis de gênero, a própria indústria do sexo depende e replica essas normas, especialmente pelo caráter feminizado do trabalho sexual e pelo trabalho emocional envolvido (Lindemann, 2012). É interessante observar como o trabalho emocional assume contornos específicos nessa forma de trabalho sexual, dada a necessidade do cuidado, considerando a carga emocional que cenas BDSM geralmente carregam, justamente pela exploração de limites corporais e psíquicos. Dessa forma, *pro-dommes* performam uma forma generificada de trabalho, que pode incluir inclusive aspectos do trabalho doméstico (como veremos a seguir), ao mesmo tempo reproduzindo e subvertendo expectativas de gênero.

¹⁴ Estilo japonês de bondage com cordas que dá muita atenção ao caráter estético das amarrações.

¹⁵ Embora também existam homens dominadores profissionais, a sua proporção é tipicamente inferior a de dominadoras, o que pode ser parcialmente explicado pelo caráter feminizado do trabalho sexual.

É importante salientar que há várias razões pelas quais clientes buscam os serviços de uma *pro-domme*. Como poderá ser observado no relato etnográfico, muitas vezes a procura por tal serviço deve-se tanto à praticidade de encontrar uma figura feminina que domine e ofereça como serviço o uso das técnicas necessárias para o desenvolvimento das práticas BDSM, quanto à busca pela privacidade (Lindemann, 2012), considerando o aspecto frequentemente estigmatizado do BDSM (embora suas representações midiáticas e o debate público mais recente tenham, aos poucos, contribuído para sua desmistificação).

Isso não significa que todos os praticantes escondam suas práticas ou as mantenham separadas de seus relacionamentos íntimos, como frequentemente ocorre entre clientes. Dentro das comunidades de BDSM, a lógica comercial não é a regra, sendo comum encontrar praticantes que estabeleçam relacionamentos privados, ou que implementem cenas em seus relacionamentos anteriormente «baunilhas», ou até mesmo que vivam o BDSM 24 horas por dia, 7 dias por semana, incorporando-o como um modo de vida. Da mesma forma, também é possível que pessoas de dentro das comunidades BDSM e fetichistas busquem os serviços de uma dominatrix ou de uma submissa profissional, embora tal procura seja mais rara. Também não é incomum que *pro-dommes* entrem em relacionamentos pessoais com seus clientes (Scott, 2014).

É importante salientar que, enquanto forma de consumo, o BDSM profissional está profundamente inserido nos circuitos do capitalismo, nos quais persistem divisões econômicas, raciais, de gênero e de sexualidade. Enquanto clientes encontram prazer e mesmo “empoderamento” ao se submeterem a uma dominatrix, as *pro-dommes* que proporcionam tais experiências podem enfrentar exploração financeira e estigmatização, embora, muitas vezes, também possam experimentar prazer e satisfação em seu trabalho (Lindemann, 2014; Scott, 2014). Frequentemente recebendo apenas uma fração do valor pago pelos clientes às casas de dominação, essas trabalhadoras estão sujeitas às mesmas hierarquias econômicas que favorecem os homens que consomem seus serviços. Tal dinâmica revela a contradição inerente ao BDSM comercial: os sistemas de poder que são momentaneamente subvertidos nas interações são, ao mesmo tempo, reproduzidos pelas lógicas do mercado.

Como poderá ser observado a partir do relato etnográfico de um encontro comercial, o BDSM pode representar um “exercício teatral da contradição social” (McClintock, 1993, p. 90). Tal exercício opera tanto como catarse quanto como mimese, com a transformação de caricaturas de desempoderamento em experiências prazerosas - embora não subverta, por si só, as ordens sociais existentes. Um argumento central aqui é que nem a dominadora profissional nem o cliente possuem controle absoluto sobre o encontro BDSM (Scott, 2014, p. 212).

Desse modo, o BDSM, quando praticado como forma de trabalho sexual, apresenta diversas particularidades que merecem atenção. É importante distinguir entre aqueles que participam de comunidades BDSM por lazer, identidade ou estilo de vida, e aqueles que incorporam essas práticas em sua atuação profissional. No entanto, embora essa distinção exista, as fronteiras entre esses grupos não são rígidas, sendo comum haver interseções entre práticas pessoais e profissionais, tanto em termos de experiência quanto de motivação.

Em todos esses contextos, permanece central o princípio do consentimento, que é estruturante tanto nas dinâmicas do BDSM quanto na prestação de serviços sexuais. Essa abordagem desafia a narrativa frequentemente difundida em certos âmbitos conservadores (incluindo o de feministas abolicionistas) na qual o trabalho sexual é, por definição, abusivo ou exploratório (como se a exploração de qualquer trabalho não fosse uma marca do capitalismo), lógica essa que também alimenta o estigma em torno do BDSM. A seguir, analisaremos como essas dinâmicas se manifestam na prática.

Sombras e Segredos no Oitavo Andar¹⁶

Segunda-feira, três da tarde. Fazia frio lá fora, mas a primavera já dava os primeiros sinais. As ruas estavam cheias de turistas que andavam demasiadamente devagar, fascinados pelas luzes e cores da cidade, enquanto eram atropelados pelos corpos rápidos dos moradores locais. Três vezes por semana, ao fazer aquele mesmo trajeto, eu me sentia o próprio coelho da Alice. “É tarde, é tarde, é muito tarde,” pensava, cortando caminho pelas calçadas estreitas daquele bairro central. Os ponteiros do relógio não importavam tanto. Sempre havia pressa: aquele era o tempo da cidade.

Naquela paisagem, o glamour hollywoodiano representado midiaticamente era substituído por outra realidade, com ratos e pessoas revirando os sacos de lixo que ocupavam as calçadas. O cheiro da cannabis fumada pelos jovens aglomerados na porta dos bares e restaurantes se misturava ao perfume de urina das ruas, emaranhado ao odor dos *hot dogs* e *kebabs* vendidos pelas barraquinhas de comida que disputavam o espaço na saída do metrô. Táxis e outros carros parados em fila dupla buzonavam no trânsito caótico; o som condensado de pelo menos cinco idiomas que saíam das incontáveis línguas e se cruzavam pelo ar.

A poucos metros do metrô, em um discreto edifício comercial, o oitavo andar operava com uma particularidade: era uma masmorra de BDSM profissional. Ali, clientes, quase todos homens, de classes médias e altas, brancos em sua maioria, de meia idade ou mais velhos, e quase sempre casados ou em relacionamentos monogâmicos “baunilhas” com mulheres, pagavam algumas poucas centenas de dólares para estar na presença de uma (ou mais) dominatrix profissional. O que fariam a partir dessa presença seria negociado entre as partes.

16 As fotos polaroids e o relato etnográfico aqui apresentados são registros de pesquisa de campo, realizada por Mistress Céline intermitentemente entre janeiro de 2023 e janeiro de 2025 em uma masmorra de BDSM profissional em uma metrópole nos Estados Unidos. Todas as fotos foram realizadas com o consentimento das pessoas fotografadas, e todas concordaram com a publicação. No caso dos clientes, as fotos também integraram de alguma forma os jogos eróticos em questão, na medida em que desenharam um cenário de exibicionismo erótico, prática na qual os indivíduos sentem excitação em exibirem-se e serem vistos. Ainda assim, não há nenhum elemento que possa identificá-los, mantendo o anonimato. A pro-domme fotografada, Mistress V., divertiu-se com a ideia de participar da pesquisa e de ter suas polaroids publicadas. Para os registros, foram utilizados recursos da fabulação autoetnográfica, como proposta por Natânia Lopes (2022; 2023), que condensam dados etnográficos a aspectos ficcionais. São a partir desses recursos que os “indizíveis” do trabalho de campo podem ganhar corpo e verbo, ampliando os horizontes teóricos e metodológicos na antropologia e sociologia, a fim de questionar os limites do fazer etnográfico.

Em geral, tais homens estavam interessados em algo em comum: jogos eróticos e sexuais de poder que operavam a partir de fantasias, fetiches, e protocolos consensuais envolvendo diferentes formas físicas e psíquicas de dominação, submissão, humilhação, disciplina, dor e prazer, em uma imaginada suspensão temporária das normas sociais que organizavam aquilo que chamavam de “realidade”.

Nesses encontros saturados pelo desejo masculino, pelo estigma das sexualidades e práticas sexuais dissidentes, e pelas lógicas comerciais, não se oferecia o que comumente é entendido como “sexo”. Pênis-em-vaginas, ou mesmo sexo oral, aliás, eram terminantemente proibidos. O que entrava em jogo ali eram experiências múltiplas, sensoriais e limítrofes com corpos e prazeres. Mais frequentemente sim do que não tais experiências eram da ordem do indizível para aqueles homens. Elas diziam respeito àquilo que tais sujeitos quase nunca ousavam revelar às suas namoradas, esposas e mães de seus filhos, com quem cotidianamente compartilhavam o amor, a cama, e a vida privada - incluindo a privada de suas próprias casas. Alguns já até teriam tentado revelar tais segredos, mas não foram bem sucedidos. Muitos não os revelavam justamente pelo medo de deixarem de ser vistos como “Homens”, não mais correspondendo ao ideal masculino que havia norteado suas vidas até então, seja lá o que esse ideal queira dizer.

Os clientes solteiros reclamavam: “Não há muitas mulheres dominantes por aí. A forma mais fácil de encontrar uma é pagando. E como é que vou explicar que gosto disso?” (Caderno de campo, abril de 2023). Dos clientes casados, frequentemente ouvi, ao longo dos quase dois anos de pesquisa de campo, que não valia a pena arriscar tanto tempo, às vezes décadas, de relacionamento, apenas para tentar explorar algumas vontades secretas, especialmente sabendo que suas parceiras muito provavelmente não topariam certas experiências. E mesmo que topassem, era provável que elas não coubessem na fantasia que esses homens procuravam - eram, afinal de contas, fantasias.

Era no oitavo andar daquele prédio comercial, longe das normas que organizavam vidas muito bem polidas, cuidadosamente desenhadas e publicamente pintadas como bem-sucedidas, que tais sujeitos se despiam dos pudores performados lá fora e pagavam um preço para ousarem não ser o que deles era esperado. Por vezes, tais homens secretamente desejavam serem chamados de capachos, de terem suas caras cuspidas e estapeadas, suas bundas chicoteadas e fodidas, as bocas amordaçadas, enquanto exaltavam uma figura feminina que atuava com soberba e desprezo. Em segredo, tais homens desejavam sentir a liberdade das mãos atadas, do suplício, do beijar os pés de uma Deusa que não mija nem caga, a não ser em suas bocas, como oferta máxima de seu perdão e de sua misericórdia. Essa Deusa, como todos os deuses, não existe, a não ser para aqueles que nela creem, e esses homens sabem que tudo é possível para aquele que crê.

Lá fora, longe da masmorra, suas esposas e namoradas continuavam sendo humanas adoráveis, por quem nutriam muito afeto, “quase santas”, eles diziam, mas ainda assim, humanas.

Como poderiam mulheres tão amáveis, tão dóceis, amarrá-los a uma cruz de Santo André¹⁷ e chicotear seus corpos até que suas nádegas brancas adquirissem a cor púrpura dos excessos aos quais elas frequentemente recusavam se entregar? Como explicar o prazer do pecado de despir-se da grandiosidade de seus ternos e gravatas para caberem em pequenas calcinhas baratas de renda rosa que apertavam seus sacos e mal cobriam seus paus, agora minúsculos e firmemente amarrados com cordas de nylon? E como descrever a sensação de estar totalmente entregue, vendados e imóveis, o som de suas respirações fazendo par ao som metálico das algemas, algo que aqueles homens nunca antes experimentaram e nunca experimentaríamos lá fora, para além das portas pesadas de madeira que guardavam aquelas cenas?

Secreto, o desejo permanecia. E afinal, tais homens acreditavam não causar mal a ninguém. Suas práticas de segredo eram muitas vezes entendidas apenas como uma questão de privacidade - um *hobby* peculiar e privado. Alguns poucos eventualmente eram tomados pela culpa, mas acabavam retornando. “Esse lugar já salvou meu casamento muitas vezes,” eu ouvi mais de uma vez. Como um templo pagão, a masmorra de BDSM profissional surgia assim naquele imaginário masculino como um lugar onde rituais de prazer, diversão, adoração, dor, cura e redenção poderiam acontecer - mediante pagamento, é claro.

Em contraste à entrada discreta do prédio comercial, no qual também operavam bares, restaurantes, e karaokês, a saída do elevador no oitavo andar se abria para um segundo portão de madeira, bastante imponente, com uma tranca pesada de metal, cercado por tijolos que remetiam a um calabouço medieval. Ao lado da porta principal, como um sentinela silencioso, a estátua de um cavaleiro medieval guardava a terceira entrada, que finalmente levava ao longo corredor, com portas para as dez salas temáticas onde ocorriam as sessões. Uma porta lateral dava entrada aos espaços privados da masmorra, aos quais os clientes não tinham acesso.

- *Girls, there's a meet! He's in the Victorian room*¹⁸.

De dentro da pequena sala de TV onde as cinco dominatrixes se aglomeravam, ouvi a gerente anunciar que um cliente havia chegado. Em vez de realizar um agendamento prévio, como muitos faziam quando já sabiam em qual *pro-domme* estavam interessados, ele optou por fazer um “*meet*”, que consistia em conversar brevemente com cada uma das *mistresses* disponíveis naquele turno, para então decidir com qual delas gostaria de realizar uma sessão.

Apressadamente, as “garotas”, cuja faixa etária variava de 21 a 53 anos, trocaram seus moletons e pantufas confortáveis por botas pretas que iam até os joelhos, de salto altíssimo, com-

17 Também conhecida como Cruz em X, a Cruz de Santo André é um equipamento de restrição e imobilização, geralmente feito de madeira ou metal, comumente utilizado por praticantes de BDSM. Nela, é possível prender ou amarrar os braços e pernas de uma pessoa, restringindo seus movimentos. A cruz pode ser usada para várias práticas no BDSM, como jogos de impacto, com o uso de açoites, chicotes e palmatórias. O nome faz referência ao apóstolo Santo André, que de acordo com a tradição cristã, foi martirizado em uma cruz em forma de X.

18 “- Garotas, o cliente as aguarda na sala Vitoriana.”

binando com suas perucas cuidadosamente arrumadas, a maquiagem pesada com olhos bem marcados e batom quase sempre vermelho, completando o *look* com seus *harnesses*¹⁹ e corsets. As mais populares se distinguiam por seus vestidos, saias e tops fabricados em couro animal, usualmente preto, ou látex, quase sempre em cores escuras, como roxo, preto e vermelho. Símbolos de distinção social (Bourdieu, 2007) e também objetos de fetiche, o couro legítimo e o látex “te fazem parecer mais profissional”, uma delas revelou, enquanto passava lubrificante à base de silicone no vestido de látex translúcido até que este refletisse à meia-luz da sala de decoração vitoriana na qual o cliente nos esperava. Outras dommes também vestiam lingerie, como meia-calças e cinta-liga, além de peças em courino e PVC.

Uma a uma, aquelas figuras hiperfemininas, muitas agora com quase dois metros de altura, deixavam a pequena sala de TV para adentrar o tal corredor longínquo, com decoração imponente, composto por quadros de época e iluminado por tochas elétricas que imitavam fogo. O quarto vitoriano era o quinto à direita. Cada quarto tinha o seu próprio banheiro, equipado com um chuveiro com diferentes funcionalidades, um vaso sanitário, um espelho, escova e pasta de dentes, enxaguante bucal, uma toalha de corpo e uma de rosto. Os chuveiros não eram separados por box, de modo que, ao serem utilizados, acabavam molhando todo o restante do banheiro.

Sozinho no quarto, após ser encaminhado pela gerente que o recebeu à porta principal, o cliente aguardaria cada uma das dominatrixes para uma rápida consulta individual. Em breve, a gerente retornaria para checar quem ele escolhera. Em menos de cinco minutos, o cliente deveria contar às *mistresses* seus interesses, suas fantasias, nível de experiência, seus limites e preferências, e descobrir se tais práticas se alinhavam ao que as *pro-dommes* ofereciam e estariam dispostas a fazer. Era ali também, é claro, que ele as observava de cima a baixo, analisando sua aparência, seus trejeitos, tom de voz, postura corporal e vestimentas, a fim de concluir qual delas mais lhe despertara interesse naquele momento. Nessas consultas, a fetichização de certos corpos e de seus marcadores sociais, especialmente “raça”/cor, não era incomum. De modo geral, elementos como juventude, branquitude e magreza eram frequentemente valorizados, muitas vezes mais do que experiência e domínio de certas técnicas.

No auge dos meus trinta e poucos anos, com minha “passabilidade” branca traída pelo meu sotaque brasileiro, com um corpo curvilíneo que já fora fabricado no passado por anabolizantes e implantes de silicone, eu agora instrumentalizava elementos como injeções de botox, preenchimentos faciais, alongamentos de unhas e cabelos para dar corpo a uma certa personagem - feminina mas dominante, jovem mas experiente, deusa mas profana, puta, porém intocável. Naquele teatro, eu incorporava meus anos de estudo teórico e prático em BDSM, com técnicas corporais aprendidas em níveis conscientes e inconscientes, que só seriam reveladas em um segundo momento, após eu ter satisfeito a fome visual do homem que primeiro me devorou com seus olhos para então concordar em ter sua face cuspidada.

19 Peça de vestuário geralmente fabricada em couro, borracha ou material sintético reunindo elementos como correias, fivelas e correntes.

Seu nome era Mike²⁰ - ou pelo menos foi o que ele me disse. Assim como as garotas, os clientes escolhiam um nome pelo qual gostariam de ser chamados. Ele devia ter por volta de um metro e oitenta de altura. As várias linhas de expressão ao redor dos olhos azuis refletiam a passagem do tempo. A pele muito branca contrastava com o vermelho vivo de seu boné, no qual se lia um clamor por um retorno a uma grandiosidade imaginária de um passado nacional. Combinava o boné com um terno e sapatos sociais. Com a mão direita, cumprimentou-me. Na mão esquerda, uma aliança em ouro reluzia. Sentado confortavelmente no sofá vermelho, sua linguagem corporal demonstrava certa familiaridade com aquele ambiente.

- Oi, prazer, você é nova aqui?, acho que nunca te vi antes, antropóloga, interessante, interessante, gostei, gostei, você parece inteligente, gosto de mulheres inteligentes, participar da sua pesquisa?, claro, me usa como rato de laboratório, haha, adorei isso, sim, sou um ratinho, mas é tudo anônimo, né?, legal, que bacana, adorei, você é muito bonita, muito alta, amei o seu vestido, adoro látex, sim, eu gosto de um pouco de dor, não muita, gosto de obedecer, de venerar uma mulher, ser botado na coleira, mas não consigo ficar muito tempo de joelhos, meus joelhos não aguentam muito, gosto de ser humilhado, pode torturar bastante meus mamilos, mas só com os dedos, torcendo assim, sabe?, pode apertar, beliscar, torcer, mas só com os dedos, sem aqueles prendedores, pode bater na minha cara e dizer o quanto meu pau é pequeno, me compara com outros paus, você sabe, sou um branquelo de pau pequeno, né?, é, isso, eu morro de tesão em homens negros, mas sou hetero, claro, é só uma fantasia que eu tenho, de chupar um pauzão, mas eu gosto de mulher, ah, sim, feminização também, gosto de ouvir que não sou um homem de verdade, que sou uma garotinha, uma putinha que deve ser fodida pra aprender uma boa lição, queria ser forçado a chupar um cara um dia, você tem um dildo aí?, um bem grande, eu chupo bem, um dia vou aguentar um *fisting*, não hoje, precisa de treino, haha, algemas, gosto de algemas, pode me amarrar também, não curto nada com mijo nem fezes, são meus principais limites, nem sangue, não é minha praia, nada contra, gosto de ser imobilizado enquanto você me seduz e me humilha, gosto de assistir tudo, sem vendas nos olhos, pode me amordaçar, experiência? tenho sim, venho aqui há pelo menos dez anos, desde quando a masmorra funcionava em outro endereço, pode me forçar a lamber suas botas, beijar seus pés, sentar na minha cara se você quiser, e você, do que você gosta?, que legal, você parece forte, um tapa seu deve doer muito, haha, você tem uma calcinha fio dental aí?, é, não é pra você, é pra mim, eu gosto de usar calcinha, assim, mas de ser forçado a vestir, sabe?, gosto quando aperta bastante as bolinhas, quando sinto meu pau amarrado dentro da calcinha, pode bater bastante na minha cara, na minha bunda, mas eu prefiro que use as mãos, pode usar *flogger* (chicote de açoite), isso, palmatória também, dor pesada e funda é melhor, nada ardido, sem varas ou bastões, vara deixa ardido, açoite é ok, mas não pode deixar marca, viu?, eu fico marcado bem fácil, então eu sempre falo pras meninas, vai com calma porque minha esposa não iria gostar, haha.

20 Nome fictício.

De volta à sala de TV, ouvi a gerente gritar meu nome de dentro do escritório. “*He wants to see you for one hour!*”. Mike queria uma sessão comigo, de uma hora de duração.

Aquela costumava ser a minha sala preferida, com sua tapeçaria imponente e retratos que remetiam à era vitoriana. Um sofá vermelho de couro legítimo ocupava o lado esquerdo do recinto. No meio da sala pairava um *sex sling* (balanço sexual) em couro vermelho suspenso ao teto por correntes de metal. O canto direito era ocupado por um *bondage horse* em couro preto, móvel projetado para restringir ou amarrar braços e pernas de um *bottom* (pessoa que recebe a prática), imobilizando-a de maneira a deixar sua bunda exposta. Uma das paredes principais era toda coberta por um espelho, que refletia tudo o que ali acontecia. Uma cela pequena completava o fundo da sala. Do lado oposto à cela havia uma penteadeira, com perucas e chapéus disponíveis para uso. Um pouco à frente, uma mesa retangular fabricada em couro vermelho e madeira maciça imitava um estrado de tortura medieval, na qual era possível esticar e imobilizar braços, pescoço, e pernas. Uma roda de tortura medieval fabricada em madeira ocupava o espaço atrás da mesa, onde se poderia prender uma pessoa, com braços e pernas abertos, e girá-la em 360 graus.

Ao retornar à sala vitoriana, a energia havia se transformado. O olhar outrora confiante de Mike agora mirava o chão. O boné vermelho agora estava sobre a pilha de roupas minuciosamente dobradas e colocadas em uma cadeira ao lado do sofá. Ajoelhado no tapete, Mike me aguardava. “Seus joelhos não funcionam muito bem, ele não pode ficar ajoelhado por muito tempo”, eu repetia mentalmente. Abaixei as luzes e conectei meu celular à caixa de som. O som da minha *playlist* favorita de música *techno* desenhava a atmosfera que eu estava buscando. Cuidadosamente, alinhiei os objetos a serem usados na sessão: uma mordaca preta de borracha, uma coleira com guia, um par de algemas e de tornoeleiras de couro preto legítimo, dois *floggers* vermelhos de couro chap, uma palmatória roxa de madeira, dois pedaços curtos de corda de nylon branca para tortura genital, uma calcinha fio dental de renda rosa, alguns mosquetões com trava de segurança, três cordas de juta, uma tesoura de segurança para as cordas, álcool 70, luvas descartáveis de látex, lubrificante, papel toalha e um kit de primeiros socorros, que eu esperava não precisar usar.

Posicionei-me em pé à sua frente, e rapidamente informei meus protocolos:

- Eu uso o sistema de cores de semáforo: verde, amarelo e vermelho.

Ele acenou, indicando já saber do que se tratava. Vermelho era a palavra de segurança, a qual ele deveria dizer caso desejasse que eu parasse imediatamente. Verde significava que tudo estava bem, e amarelo indicava “vai devagar”. Continuei:

- Você não tem permissão para me olhar nos olhos nem me tocar. Você deve sempre se dirigir a mim como “*Mistress*”. Não fale sem autorização, a não ser para sinalizar uma cor ou algum limite. Qualquer ato de desobediência vai ser imediatamente punido. Sua função é me servir e cumprir minhas ordens. Seu corpo deve estar vulnerável e permanecer à minha disposição.

Caso eu precise saber sobre seu nível de tolerância à dor, vou pedir que me diga um número de um a cinco, cinco indicando o máximo que você consegue aguentar. Estamos entendidos?

- Sim, *Mistress*.

- Ficou alguma dúvida?

- Não, *Mistress*.

Então, ordenei:

- Posição de coleira!

Ainda ajoelhado, Mike levou as duas mãos atrás da cabeça. Vesti-lhe a coleira com a guia, pronta para algemá-lo.

- Agora levante-se e me siga, putinha, que esse seu joelho podre não aguenta muita coisa.

Cinquenta minutos depois, a sessão havia terminado com Mike em lágrimas, em catarse. Aquela havia sido uma sessão emocionalmente pesada, que exigira um grande trabalho emocional de minha parte. Inicialmente excitado ao ser humilhado e “forçado” a usar a calcinha fio dental, Mike pareceu aliviado ao não precisar segurar as lágrimas quando a punição corporal, com tapas e *flogger*, foi adicionada à humilhação. Decidi não usar a palmatória. Seu corpo permanecia sem marcas, além da vermelhidão passageira que já quase não era visível.

Sentei-me na mesa de *bondage*, seu rosto em meu colo, enquanto ele abraçava minha cintura. Ofereci-lhe uma das coca-colas do frigobar e perguntei se queria um creme com aloe vera para as nádegas e posteriores da coxa. Não havia muito tempo para *aftercare* (cuidados posteriores à cena), a não ser que ele aumentasse a sessão.

- Você é incrível, muito obrigado. Vou tomar um banho rápido. Não ficou nenhuma marca, né? Ainda preciso jantar com minha esposa. Nos vemos na semana que vem?

- Sim. Se você se comportar. Quero que venha usando um cinto de castidade. Se não, nada feito.

- Ok, ok, vou providenciar!

Mike saiu do banho. O banheiro estava todo inundado, como já era esperado. Para ele, o tempo havia acabado e, como de costume, as *dommes* deveriam limpar o quarto após a sessão. Ainda que alguns clientes tentem auxiliar na limpeza, o protocolo de desinfecção a ser seguido leva muito tempo. Embora tal limpeza até pudesse fazer parte das dinâmicas de submissão, esse nunca era o caso daqueles clientes (ao menos na minha experiência). Dos submissos que encontrei que imploraram por limpar uma privada, era essencial que aquela fosse a *minha privada*, em minha própria casa. O que estaria em jogo seria não simplesmente lavar um banheiro qualquer, mas acessar a minha intimidade. E aquela não era a minha casa.

Retornando à pequena sala de TV, troquei minhas botas imponentes pelas pantufas, o vestido de látex pelo moletom e camiseta de banda de *hardcore*, e removi o aplique de cabelo.

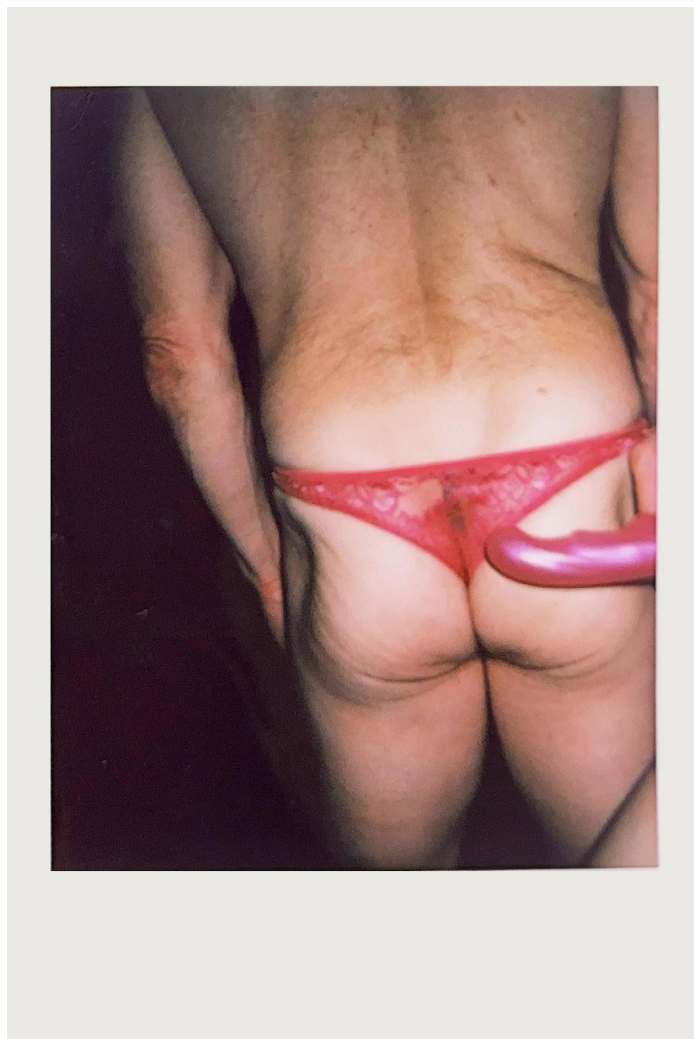
Trocar de roupa era como sair de um personagem. Antes focada nos sinais e reações de um outro corpo, minha atenção agora retornava ao meu. Meus pés doíam e eu estava com fome. O calor do látex deixara meu corpo excessivamente suado e eu precisava de um banho. Eu podia sentir os músculos dos meus braços ligeiramente cansados após os movimentos repetidos com os *floggers*. Removi os esparadradros dos meus dedos, que efetivamente evitaram que bolhas se formassem. Ainda conseguia sentir o cheiro da pele branca e enrugada de Mike, que não me causava repulsa, mas tampouco desejo. Eu estava cansada, mas contente com o resultado, imaginando quantas vezes na vida aquele homem conseguiu chorar. Também tentava imaginar como ele tratava as mulheres no seu cotidiano, como cidadão daquela “America” que ele desejava que fosse grande de novo, retornando a um passado imaginado.

Eu queria uma coca diet e um cigarro, mas primeiro precisava limpar o quarto, incluindo aquele banheiro maldito. Eu odiava quando eles tomavam banho e eu precisava gastar mais tempo - tempo para o qual eu não estava sendo paga - lidando com os restos do seu prazer. Frequentemente, eu precisava fazer malabarismos, pois havia um *outro* cliente em *outro* quarto me aguardando. Precisava performar duas personagens simultâneas: uma altiva, soberana, que mantinha um homem aos meus pés em um quarto e ordenava que ele aguardasse alguns minutos enquanto eu “terminava os preparativos para a nossa sessão”, enquanto eu secretamente corria ao outro quarto para me colocar de joelhos e terminar de limpar o banheiro do cliente anterior.

Busquei no armário do corredor mais luvas descartáveis, o limpador de couro, panos de limpeza, desinfetante, limpador de vidros, limpador UV, e mais álcool 70. Com sorte, eu gastaria ali outros vinte minutos. “Depois do trabalho emocional, agora vem a limpeza”, eu pensava com ironia, enquanto quebrava os protocolos e acendia um cigarro no meio do quarto.



Fotografia 1 - Josh²¹ (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 2 - Doug (Trabalho de campo, 2023).

²¹ Nomes fictícios.



Fotografia 3 – Calcinha do Doug (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 4 - Josh (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 5 - Robert (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 6 - Allan (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 7 - Signs (Trabalho de campo, 2023).



Fotografia 8 - Mistress V. limpa um açoitador
(Trabalho de campo, 2024).

Fotografia 9 - Limpando o quarto depois de uma sessão
(Trabalho de campo, 2024).





Fotografia 10 - Mistress V. se diverte enquanto limpa o quarto após uma sessão (Trabalho de campo, 2024).

Considerações finais

Neste artigo, buscamos explorar elementos da cultura sexual denominada BDSM, incluindo suas características principais, seu código de ética e alguns dos elementos estéticos que compõem sua imagem e prática. Para tanto, trouxemos aspectos históricos que, longe de propor uma continuidade, possibilitam compreender as especificidades da representação contemporânea daquilo que passou-se a entender como BDSM. Também apresentamos brevemente algumas intersecções entre a cultura BDSM e o trabalho sexual a partir da figura da dominatrix profissional, com um relato de campo que salienta como tais elementos éticos e estéticos entram em jogo em uma cena profissional.

Discutimos e procuramos evidenciar como o BDSM segue um código de ética próprio, o que o distingue significativamente de saberes clínicos tradicionais que abordavam (e ainda abordam, em certa medida) a relação entre dor e prazer a partir de perspectivas patologizan-

tes. Esse código de ética também permite que o contrato no BDSM possua o mérito de ser explícito, deliberadamente negociado e conscientemente assumido pelas partes envolvidas, revelando não apenas um compromisso ético, mas também uma crítica prática às normatividades sociais naturalizadas.

O trabalho também procurou explorar como a cena BDSM, compreendida como uma construção ritualizada e consensual de experiências sensoriais, não pode ser dissociada de sua dimensão estética, entendida aqui nos termos de Rancière como uma partilha do sensível, uma configuração coletiva de percepções, afetos e sentidos. Longe de ser mero ornamento, a estética no BDSM organiza o espaço, os corpos e as interações de forma a tornar visível e tangível uma política sexual alternativa.

Como propôs Proudhon (2009), se toda política exige uma estética, a cena BDSM, ao instaurar uma lógica não-normativa de desejo, dominação e prazer, requer também uma estética própria. Cada elemento, dos tecidos que envolvem o corpo às músicas que ditam o ritmo, dos aromas que invocam sensações aos figurinos que performam personagens, contribui para a criação de um ambiente simbólico, capaz de deslocar os sentidos cotidianos e instaurar uma realidade outra, onde o jogo de poder, prazer e dor se dá de forma intensamente encenada e sentida. Assim, estética e ética participam da cena como coautoras de um mesmo ato, estruturando o espaço necessário para a emergência de subjetividades desviantes e modos alternativos de viver o corpo, o tempo e a relação com o outro.

Salientamos ainda como o BDSM profissional, enquanto forma de trabalho e consumo, está imerso nas dinâmicas do capitalismo, marcado por desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidade. Embora clientes possam sentir prazer e até empoderamento ao se submeterem a uma dominatrix, as profissionais que conduzem essas experiências frequentemente enfrentam estigmas e precarização financeira, assim como em qualquer outra forma de trabalho sexual, mesmo quando também encontram prazer no trabalho (LINDEMANN, 2014; SCOTT, 2014). Isso evidencia a contradição do BDSM comercial, onde as normas de poder são temporariamente questionadas, mas simultaneamente reforçadas pelas lógicas de mercado.

Embora existam muitas diferenças entre as práticas BDSM comerciais e não comerciais, buscamos brevemente destacar como alguns elementos éticos e estéticos mencionados permeiam os jogos BDSM de maneira comum. Se o consentimento é central em toda e qualquer prática BDSM, como mostramos, é inevitável considerar que tanto praticantes do BDSM quanto trabalhadoras sexuais nesse campo possuem agência sobre suas práticas, ainda que sobre ambos frequentemente recaia o estigma de serem, ao mesmo tempo, violentos e violentados. Nossa intenção é, afinal, demonstrar como corpos e prazeres encontram no mundo outras formas de existência, que, embora desviantes de uma certa normatividade, são orientados por seus próprios princípios e valores.

Contribuição de autoria: Ambas as autoras tiveram contribuição igual no texto. O subcapítulo “5 Sombras e Segredos no Oitavo Andar” e as fotografias são de autoria exclusiva de Paula Nogueira Batista.

Financiamento: O trabalho de campo de Paula Nogueira Batista foi parcialmente financiado pela Wenner-Gren Foundation, com o Dissertation Fieldwork Grant.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. (revisão do texto). Tradução de: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo, Edusp, 2007.

BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, **Different Loving**, New York, Villard, 1993.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo, Editora filosófica Politeia, 2019.

COLOGNESE Júnior, Armando, O Conceito de Sadismo e Masoquismo na Obra de Freud in COLOGNESE Júnior, Armando. **A trama do equilíbrio psíquico**. São Paulo, Edições Rosari, 2003.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 14, p. 195-228, Aug. 2013 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/YVCwTP7VMFH7ttwd8gYbf5n/abstract/?lang=pt>. Acesso em 11 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** – A vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) in FREUD, Sigmund, **Obras Completas** Vol. 6. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

HAUSER, Renate. Compreensão Psicológica do Comportamento Sexual por Krafft-Ebing in PORTER, Roy e TEICH, Mikulás (orgs.), **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual**. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia Sexualis**. New York, Arcade Publishing, 1998.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das Perversões**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

LEITE Júnior, Jorge [1]. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo**. 2000. 177 f. Relatório final da bolsa de Iniciação Científica PIBIC - CNPQ do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/5100172/ELEMENTOS_PARA_UMA_HIST%C3%93RIA_DO_CONCEITO_DE_SADOMASOQUISMO. Acesso em 11 fev. 2025.

LEITE Júnior, Jorge [2]. **A cultura S&M**. 2000. 52 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/5100171/Cultura_bdsm_jorge_leite_jr. Acesso em 11 fev. 2025.

LINDEMANN, Danielle J. **Dominatrix: Gender, eroticism, and control in the dungeon**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

LOPES, Natânia. Fabulação autoetnográfica: experiência e posição numa pesquisa sobre “prostituição de luxo”. **Cadernos Pagu**, v. 65, 2022. p. e226506.

LOPES, Natânia. **Atuar ou não como prostituta: programa, etnografia, putativismo**. Campinas, SP: Ofícios terrestres edições, 2023.

LOWENKRON, Laura. Consentimento e vulnerabilidade: alguns cruzamentos entre o abuso sexual infantil e o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 45, p. 225–258, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gC9XJ-9zVMFWHLGnNbPPf3Wv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MARQUES DA SILVA, Vera Lucia. **Sob a égide do chicote: Uma leitura do amor na contemporaneidade**. Curitiba, Appris, 2018.

MARQUES DA SILVA, Vera Lucia. A psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 48, p. 25–37, 2017. DOI: 10.21680/2238-6009.2016v1n48ID11754. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11754>. Acesso em: 2 maio. 2025.

McCLINTOCK, Anne. **Maid to order: Commercial fetishism and gender power**. Social Text, Durham, v. 11, n. 37, p. 87–116, 1993.

MICHEL, Bernard, **Sacher-Masoch (1836-1895)**, Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

MOSER, Charles. DSM-5 and the paraphilic disorders: Conceptual issues. **Archives of Sexual Behavior**, [S. l.], v. 45, n. 8, p. 2181–2186, 2016.

MOSER, Charles. DSM-5, paraphilias, and the paraphilic disorders: Confusion reigns. **Archives of Sexual Behavior**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 681–689, 2019.

MOSER, Charles; KLEINPLATZ, Peggy J. Conceptualization, history, and future of the paraphilias. **Annual Review of Clinical Psychology**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 379–399, 2020.

MORAES, Eliane Robert. **Sade, A Felicidade Libertina**, Rio de Janeiro, Imago, 1994.

MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade – Ensaio sobre a imaginação libertina**. São Paulo, Iluminuras, 2006.

- NÉRET, Gilles (org.). **Erotica Universalis**. Germany, Taschen, 1994.
- PRECIADO, Paul. B. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. **Cadernos PET Filosofia**, Curitiba, v.22, n.1, 2021, pp. 278-331. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v22i1.88248>. Acesso em 11 fev. 2025.
- PROUDHON, Pierre Joseph. **Do princípio da arte e de sua destinação social**. Campinas: Armazém do Ipê, 2009.
- RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual – entrevista. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 21, p. 157–209, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JMKFStf5g-zxRdzkMLrmHWLQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SACHER-MASOCH, Leopold Von, **A Vênus das Peles**, Rio de Janeiro, Taurus, 1983.
- SADE, D. A. F., **Justine – Os Sofrimentos da Virtude**, São Paulo, Círculo do Livro, 1989.
- SCOTT, Gini Graham. **Erotic power: Exploring the world of BDSM**. New York: Skyhorse Publishing, Inc., 2014.
- STEELE, Valerie, **Fetiché**. Moda, Sexo e Poder, Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- TOMPSON, Mark (ed.). **Leather folk**. Radical sex, people, politics and practice. Los Angeles, Daedalus Publishing Company, 2004.
- VATSYAYANA. **Kama Sutra**, São Paulo, Círculo do Livro, 1990.
- WEISS, Margot. **Techniques of pleasure**. BDSM and the circuits of sexuality. Durham & London. Duke University Press, 2011.
- ZILLI, Bruno. **A perversão domesticada**. BDSM e consentimento sexual. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2018.

Submetido em: 14 fev. 2025.
Aprovado em: 15 jul. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“BDSM: ética, estética e interseções com o trabalho sexual”,
de autoria de Jorge Leite Jr. e Paula Nogueira Batista, está
licenciado sob CC BY 4.0.

